

# Técnico prevê novas cheias do rio Doce

"Somente com o reflorestamento das margens do rio Doce, que estão sendo devastadas devido à ignorância agrícola do homem do campo, é que novas cheias serão evitadas em Linhares e Colatina". A recomendação foi feita ontem pelo técnico Paulo Mello de Freitas Junior, do Instituto Jones dos Santos Neves, e que está realizando um trabalho sobre o desmatamento na região do vale do rio Doce e suas consequências no comportamento do rio. Segundo Paulo Mello, não bastará apenas o desassoreamento do rio sem que seja feito um reflorestamento, pois em poucos anos a situação voltará à atual.

Ao falar sobre o assunto ontem, o técnico manifestou sua apreensão sobre o comportamento do rio, afirmando que no último dia 15 de novembro o rio Doce apresentou uma terceira maior cheia de sua existência e que o fator é elemento de grande preocupação. "Ainda não estamos no período das chuvas", comentou, afirmando que "a cheia foi apenas um aviso do que poderá acontecer caso as chuvas voltem a cair com intensidade um pouco maior neste final de ano". Suas afirmativas encontraram eco junto à Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente (Acapema), cujo presidente, Claudio Saad Noé, em contato com o técnico Paulo Mello, manifestou a sua apreensão a respeito da situação no vale do rio Doce.

## ASSOREAMENTO

De acordo ainda com o técnico Paulo Mello, os problemas com o assoreamento do rio Doce não são novos. Começaram por volta de 1851 com a intensificação da colonização do interior do Estado e recrudesceram a partir de 1940 — com o início do período siderúrgico em Minas Gerais. Um dos responsáveis indiretos pela situação do rio Doce atualmente é o carvão, exigido pelas siderúrgicas e que apossou um processo de desmatamento que vinha acontecendo no interior do Estado há muito tempo. O técnico do Instituto Jones dos Santos Neves lembrou que o problema de desmatamento no Espírito Santo tem raízes crônicas.

Os problemas teriam começado durante a colonização do Brasil, quando o Espírito Santo foi considerado uma defesa natural contra os piratas em busca do ouro extraído das Minas Gerais. A serra, a floresta densa e os índios desanimaram os piratas ingleses, franceses e holandeses de investidas mais profundas no território da colônia portuguesa. E com o passar dos anos essa vocação de barreira natural do Estado foi mantida até o período da colonização italiana. Mas as terras foram entregues aos colonos, conforme entende o técnico Paulo Mello, de forma errada. Os colonos consideravam a floresta um inimigo natural que era preciso vencer, desbravar e derrubar. E assim começou a destruição da floresta Atlântica, ex-cobertura natural do Estado.

Essa mentalidade, segundo ainda Paulo Mello, permaneceu com os descendentes dos colonizadores até o surgimento das siderúrgicas, quando, então, a situação piorou. Nesse meio tempo, o assoreamento do rio Doce, considerado um caminho natural para o interior, foi aumentado. As siderúrgicas contribuíram com o resto e hoje Paulo Mello concorda com o governo. Ficaria caríssimo um trabalho de recuperação do rio. O técnico insistiu na necessidade de um reflorestamento urgente das margens e de todo o vale do rio Doce, sob pena do Espírito Santo "viver o primeiro dilúvio da atualidade e que tanto poderá acontecer esse ano como nos anos seguintes".

De acordo com as suas previsões, será muito difícil evitar uma nova catástrofe caso as chuvas voltem a cair com pelo menos 50% da intensidade verificada em 1979, garante que está baseado em dados científicos, depois dos primeiros estudos que realizou na região. A falta de uma cobertura vegetal praticamente eliminou todas as condições da terra de reter parte das águas que deveriam ser absorvidas pelo solo poroso e que agora, vão diretamente para os rios, que estão se transformando em "rios de enurradas que com qualquer temporal transbordam, provocando problemas imprevisíveis para a população ribeirinha".